PROVISÓRIO

CAROLINE BORGES PAVANELLI

LUIZA, EU SEI QUE ISSO É ERRADO, MAS TU NÃO SABE COMO EU PRECISO DE VOCÊ, PRECISO TE VER, TE OUVIR, SENTIR, E TU NÃO TEM IDEIA DO QUE MAIS EU QUERO FAZER CONTIGO, PRA COMEÇAR...

Título: Provisório

Cena 1: Apartamento de Mauro - Interior - Noite

Música de fundo, foco estático

Narração (Mauro):
(voz rouca, arrastada, melancólica)

O quase silêncio que navegava por sua casa, isso claro, sem contar com o Sinatra no radinho da feira, fazia parecer-lhe que nada poderia ser melhor do que estar ali, deitado em plena terça-feira.

(Cena 2 - Mauro deitado na cama, olhando para o nada, comendo as unhas)

Narração continua:

Mauro da Conceição Alencar, nada parecia o entreter tanto quanto a luz do teto, a luz do teto pisca, ora pálida, ora intensa, e Mauro se entrega, mais uma vez, àquele desejo que nunca se realiza, àquela vontade de que a luz se apague de vez

Cena 3 - Biblioteca - Interior - Dia
(Mauro entra na biblioteca, o som da porta ao abrir é a única coisa que quebra o silêncio. Luísa está sentada à mesa, folheando um livro. Mauro se aproxima lentamente, tentando ganhar coragem para falar.)

Mauro:
(hesitante, a voz trêmula)
Bom dia…

Luiza:
(sem levantar os olhos, de forma distraída)
Bom dia… Precisa de ajuda com alguma coisa?

Mauro:
(olha ao redor fingindo interesse)
Não, só estou olhando….

Ele observa Luiza, que prossegue alheia à sua presença. Após alguns segundos, Mauro pega um livro aleatório e caminha até o balcão

Luiza:
(registrando a venda, ainda sem prestar muita atenção nele)

Isso é tudo?

Mauro:
(tentando ser casual mas falhando)
Sim…você gosta desse autor?
Luiza:
(levanta os olhos por um instante, mas logo volta a olhar a tela do caixa, notebook positivo)
Ah, ele é bom, eu acho…. São 39 reais.

Mauro paga e sai da biblioteca, guardando o livro na bolsa sem ao menos olhar a capa

Narração Mauro:
Todo dia era essa mesma merda. Entro, compro qualquer porcaria e saio sem nem conseguir comer a porra da piranha do caixa.

Cena 4: Apartamento de Mauro - Interior - Noite
(Mauro está sentado à mesa/sofá, segurando uma folha de papel em branco. A mão treme enquanto ele escreve, rasga, escreve de novo.)

Narração: (Mauro)
Escrever era uma tortura, mas se não dá pra meter tinta na merda de uma folha eu vou fazer mais o que? Puta papo de brocha
(Ele suspira, amassa e joga o papel em qualquer canto. Finalmente, ele pega uma folha limpa e começa de novo, dessa vez sem parar)

Mauro: (lendo o que escreve, baixinho)
Luiza, eu sei que isso é errado, mas tu não sabe como eu preciso de você, preciso te ver, te ouvir, sentir, e tu não tem ideia do que mais eu quero fazer contigo, pra começar…
(Fala continua, cada vez mais baixa, censurando Mauro pela cena seguinte)

Cena 5: Biblioteca - Exterior
(cena gravada pelo corredor, parte de vidro, Mauro coloca a folha em algum local visível, onde veria Luiza)

Narração: (Mauro)
A carta era uma confissão. Uma porra de uma confissão patética. Eu sabia disso, mas não conseguia parar. Era tudo ou nada, e eu já não tinha nada a perder.

(Mauro deixa a carta, pensa um pouco e olha o local como se fosse a última vez)

Narração: (Mauro)

Deixei a carta ali, como se fosse uma oferenda. O último suspiro de um homem que quer provar para si mesmo que não é brocha, agora só restava esperar, e rezar para que ela lesse.

Cena 6 - Biblioteca - Janela - Exterior
(Mauro retorna a biblioteca, as portas estão fechadas. Ele tenta espiar pelas janelas mas o interior está vazio)

Mauro confuso, caminha pelas ruas, ele olha para cada rosto esperando ver Luiza, até encontrar a mulher, com uma chave nas mãos e uniforme do local

Mauro:
Porra, me escuta, eu sei que tu não tá lá na (nome de biblioteca)....

(o resto da fala é censurado pelo decorrer da cena)

Cena 7 - Luiza - rosto

(Luiza o encara e explica não entender a situação, não sabe de nada)

Cena 8 - Mauro chega em casa, a pilha de livros da biblioteca que estavam em sua casa simplesmente não estão ali

Narração: (Mauro)
A piranha nem o reconhecia, olhou para Mauro como se não fosse ninguém, como se nunca houvesse ao menos olhado na sua cara suada antes, ela era uma vagabunda, e ele um cara que nunca encontrou aquele motivo que mudaria sua vida. A luz, dessa vez se apagou, mas por pouco tempo.

Cena 9 - Mauro se deita no sofá, sem nenhuma reação, há um zoom em seu rosto, então um foco surge em seu olho ao som de um silêncio estático

Cena 10 - A cena se funde a cena do início, Mauro está deitado na cama roendo as unhas

Narração:(Mauro)

Porra, eu viajei pra caralho

Cena 11 - A cena estoura para um fundo preto e começa a tocar em som alto a mesma música do início - That's life - Frank Sinatra